

O tradutor/intérprete de língua de sinais: um mediador de fronteiras culturais

*The sign language translator/interpreter:
a mediator of cultural boundaries*

Izaulita César Moura

Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, Brasil. Professora Especialista em Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Educação Inclusiva pela UNESP-SP. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade de Amparo-SP. Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

E-mail: izaulita@hotmail.com

Fátima Gonçalves Cavalcante

Pós-doutora em Saúde Pública. Psicóloga. Professora do Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade e da Graduação em Psicologia da Universidade Veiga de Almeida. Coordenadora do Laboratório de Práticas Sociais Integradas (LAPSI-UVA). Pesquisadora-colaboradora do Centro Latino Americano de Violência e Saúde/Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz.

E-mail: fatimagold7x7@yahoo.com.br

Artigo recebido em 07 de março de 2013 e selecionado em 23 de maio de 2013

RESUMO

Discute-se a importância do tradutor/intérprete de Língua de Sinais enquanto um mediador de fronteiras entre dois mundos culturais. Busca-se dar visibilidade à complexidade da tarefa do intérprete não apenas no campo da linguagem, mas também na área da subjetividade, levando em conta contribuições da Psicanálise. Partiu-se de uma pesquisa qualitativa realizada no Instituto Nacional de Educação de Surdos que abordou o tema da linguagem e subjetividade com alunos com surdez profunda. Concluiu-se que o papel social e subjetivo do intérprete de Libras precisa ser mais bem compreendido. O desafio não é apenas traduzir e informar, mas saber guardar os próprios pensamentos e sentimentos, para ser porta voz da fala, da expressão e da emoção de outra pessoa, de um sujeito que se manifesta em total alteridade. Assim, facetas menos conhecidas do papel intersubjetivo do tradutor/intérprete são apontadas.

Palavras-chave: Tradutor/intérprete. Língua de sinais. Sujeito surdo. Psicanálise.

ABSTRACT

It is discussed the importance of the translator/interpreter of the Language of Signs as a boundaries me-

diator between two cultural words. We intend to show the complex task of the interpreter, not just in the language field, but also in the subjectivity area, considering the Psychoanalysis contribution. We started with a qualitative research in the Education National Institute of Deaf, dealing with the issue of language and subjectivity with students of deep deaf. We concluded that the social and subjectivity paper of the Libras interpreter needs to be more comprehended. The challenge is not just to translate or to inform, but to get to know how he keeps his own thoughts and feelings, in order to be the voice, the expression and the emotion of the Other person, one that would be himself in total alterity. So, the aspects less known of the subject's role of the translator/interpreter are going to be showed.

Keywords: Translator/interpreter. Language of Signs. Deaf person. Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende refletir sobre a importância do Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais (TILS) enquanto um mediador de fronteiras entre dois mundos linguísticos. Busca-se dar visibilidade à com-

plexidade da tarefa do intérprete não apenas no campo da linguagem, mas também na área da subjetividade, levando em conta a contribuição da Psicanálise. Ao analisar a pesquisa “A constituição da subjetividade do sujeito surdo à luz da Psicanálise: um olhar além do silêncio” (MOURA, 2012), desenvolvida no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), concluímos que o papel social e subjetivo do intérprete de Libras precisa ser mais bem compreendido. Não se trata apenas de desenvolver aptidões comunicativas, reelaboradas de um campo linguístico a outro. A tarefa em que muitas vezes o intérprete se vê envolvido pode, em muitos momentos, ter uma complexidade ainda maior, pois não se espera que ele apenas traduza construções discursivas, mas que as compreenda num contexto linguístico mais amplo e, especialmente, que compreenda o momento e o estado afetivo de quem o comunica. O desafio não é apenas traduzir e informar, mas saber guardar os próprios pensamentos e sentimentos, para ser porta voz da fala, da expressão e da emoção de outra pessoa, de um sujeito que se manifesta em total alteridade. Assim, facetas menos conhecidas do papel intersubjetivo do tradutor/intérprete serão apontadas.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. Russo (2009), afirma que quando o tradutor/intérprete de Língua de Sinais (TILS) realiza uma tradução está também, colocando-se como interpretante, como alguém que produz sentido durante a transmissão comunicativa. Embora se saiba que há uma forte relação entre o subjetivo e o coletivo, nem sempre as implicações dessa correlação ficam evidenciadas. Não há como vivenciar uma tradução/interpretação, sem se incorporar o ato de sentir e viver o momento interpretativo. Quem já vivenciou a experiência como intérprete de Libras, sabe que é impossível ser mecânico no momento da interpretação, ou seja, naturalmente transmitimos os nossos sentimentos através da expressão corporal e facial. Saber se está havendo empatia, entendimento, compreensão e uma tradução pertinente que traga clareza ao processo comunicativo torna-se, então, fundamental. Interessa-nos refletir sobre as interferências que podem afetar o trabalho do tradutor/intérprete e ainda, se as falhas na interpretação/comunicação podem deixar o surdo confinado em seu próprio mundo intersubjetivo, sentindo-se pouco compreendido.

COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM NA SURDEZ

A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade

de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar no “mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos, requer conhecer a “língua de sinais”. Permite-se a “ouvir” essas mãos, só assim será possível ouvir o silêncio das palavras escritas (QUADROS, 1997, p. 119).

A comunicação representa, fundamentalmente, em nossa vida, um elo de interações que nos coloca numa espécie de contato que transforma nosso modo de pensar e de agir, e são nessas interações socioculturais, construídas em ambientes sociais, que o sujeito se constitui como um ser social.

Para Freud (1914), no momento em que nasce, o homem entra em um mundo de cultura e de linguagem que o separa para sempre do estado de puro ser biológico. Freud, desde os seus primeiros trabalhos, atribui grande importância às palavras em toda sua teorização: tudo se passa *pela* e *na* linguagem. Assim, podemos dizer, portanto, que, segundo a teoria psicanalítica, a linguagem determina inteiramente toda forma de experiência consciente e sua representação inconsciente.

O processo de aquisição da linguagem para o sujeito surdo é feito de forma diferenciada, sendo que, sua voz ou a voz do outro não alcança o seu ouvido, mas é seu corpo que se estabelece como uma verdadeira caixa de ressonância. Assim, é determinante destacar o lugar ocupado pelo *corpo do sujeito surdo* no processo de formação dessa linguagem.

Segundo Sacks (2002), as pessoas com surdez profunda não demonstram nenhuma inclinação inata para falar. Falar é uma habilidade que tem que ser ensinada a elas e constitui um trabalho sistemático de anos que, na maioria das vezes, é ineficaz. Por outro lado, essas pessoas demonstram uma inclinação acentuada para a língua de sinais que, sendo uma língua visual, lhes é totalmente acessível. É importante esclarecer que a dificuldade de falar se deve à impossibilidade da audição. Os surdos possuem aparelho fonador idêntico aos de todos os demais. O que lhes falta é a capacidade de ouvir a sua própria fala e, portanto, de monitorar com o ouvido o som da voz humana.

O surdo necessita dominar a língua de sinais para comunicar-se com a comunidade surda e a Língua Portuguesa, para possibilitar e facilitar a sua interação na sociedade. Em certos momentos, o surdo transita entre essas duas culturas, ou seja, a cultura surda e a cultura ouvinte e, no entanto a constituição da sua identidade parte da consciência de ser definitivamente diferente pelo fato de necessitar de recursos completamente visuais. Então, essa oscilação entre

esses dois “mundos”, surdo e ouvinte, faz com que o sujeito surdo constitua, por vezes, sua identidade de forma fragmentada.

Emmanuelle Laborit, atriz surda francesa, fala de sua experiência de aquisição da Língua de Sinais.

Com a descoberta da minha língua, encontrei a grande chave que abre a porta que me separava do mundo. Posso compreender o mundo dos surdos, e também o mundo dos ouvintes. Compreendo que esse mundo não se limita a meus pais, que há outros também interessantes. Não tinha mais aquela espécie de inocência de antes. Encaro as situações de frente. Tinha construído uma reflexão própria. Necessidade de falar, de dizer tudo, de contar tudo, de compreender tudo. (...) Tornei-me falante (LABORIT, 1994, p.72).

O intérprete de Libras é o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função. É a pessoa que interpreta o conteúdo de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta língua, para uma determinada língua de sinais. Ao mediar conteúdos de dois contextos discursivos diferentes, o intérprete faz mais do que traduzir duas línguas. Ele organiza, articula e integra informações entre sujeitos distintos de universos linguísticos diferenciados. Para cumprir bem essa tarefa é preciso conhecer mais de perto alguns dos cuidados que envolvem a formação desse profissional, como veremos a seguir.

TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LINGUA DE SINAIS

O tradutor/intérprete de Libras atua diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes. Então, o processo de tradução da língua de sinais envolve um ato cognitivo-linguístico. O intérprete está completamente envolvido na interação comunicativa (social e cultural), com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas. Embora saibamos que o ato de interpretar envolve processos altamente complexos, nem sempre é fácil dar visibilidade a esses processos e, especialmente, mostrar o efeito da linguagem e da repercussão de processos subjetivos, sociais ou culturais (QUADROS, 2004, p. 27).

Segundo Quadros (2004), a história de tradutores e intérpretes de língua de sinais iniciou-se com a atuação destes em atividade voluntária. Progressivamente, essa

atividade foi sendo valorizada como atividade profissional na medida em que pessoas surdas conquistavam seus direitos e ganhavam mais visibilidade e espaço social junto à sociedade civil. Na medida em que a Língua de Sinais, como repertório linguístico e cultural dos surdos ganha importância – e é reconhecida como língua oficial no país –, o intérprete adquire mais visibilidade, e assim, sua função social cresce em importância.

De acordo com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS, 2012), o intérprete deve se manter imparcial, evitando que ideologias, crenças, valores diferenciados ou vínculos de amizade interfiram em seu trabalho, mantendo sempre sua ética profissional. Além disso, deve estar atento à vestimenta, aparência pessoal, iluminação, local e fundo visual, barulhos laterais, posição natural para sinalizar, tempo de interpretação, expressões faciais, uso do alfabeto manual, tautologia, expressões idiomáticas e tomar cuidado com as distrações.

O processo de interpretação é uma habilidade científica em que o cérebro aprende após muito treino e dedicação. Portanto, ser filho de pais surdos, embora favoreça uma aprendizagem empírica de todo o processo, não assegura a qualificação nesse tipo de tarefa. Além disso, o intérprete tem que ser bilíngue, ou seja, ele deve ter competência para transitar entre o universo do ouvinte e do surdo e ainda procurar participar de seminários, saber trabalhar em equipe, ter equilíbrio durante a interpretação e ser capaz de admitir suas limitações quando não se sentir capaz.

Diante de tantas responsabilidades e regras impostas pela profissão, ainda cabe ao intérprete, a função de compreender a fala do outro e o contexto discursivo em que essa fala emerge. Seu labor se amplia quando necessita ser fiel ao texto original (à fala em sua alteridade), além de ser fluente na sua própria língua e naquela para a qual está traduzindo.

Quanto mais se reflete sobre a presença dos intérpretes de Língua de Sinais, mais se compreende a complexidade de seu papel, as dimensões e a profundidade de sua atuação (PERLIN, 2006, p.137).

Segundo Quadros (2004), o papel do intérprete é de extrema importância, ou seja, de realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa, observando os seguintes preceitos éticos: (a) confiabilidade (sigilo profissional); (b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); (c) discricção (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); (d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); (e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a

informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto; o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

(...) a língua de sinais é capaz de expressar não só cada emoção, mas também cada proposição e de permitir a seus usuários discutir qualquer assunto, concreto ou abstrato, de um modo tão econômico, eficaz e gramatical quanto a língua falada (SACKS, 2010, p. 29).

É recomendável que o intérprete conheça de forma profunda a pessoa surda, as práticas de sua cultura e da sua comunidade, suas crenças e valores, como está expresso no exemplo abaixo. Quando o intérprete não pertence a uma comunidade surda, seu trabalho apresenta dificuldades e, geralmente, está predestinado ao fracasso, uma vez que sua fala não terá crédito, tendo em vista que ele poderá perder elementos importantes partilhados num contexto subjetivo e sociocultural. Interpretar é mais do que passar o sentido da mensagem da língua fonte para a língua alvo, é também conhecer subjetividades e contextos sociais. "O intérprete é a pessoa em que o surdo mantém extrema confiança. Tanto profissional como pessoal" (FENEIS, 2012).

Tenho minha intérprete, Dominique Hoff, aquela de sempre, aquela que me conhece de cor e salteado, que adivinha pelo primeiro sinal o que vou dizer (LABORIT, 1994, p. 194).

É notável como as pessoas surdas constroem um laço muito forte de amizade com um determinado intérprete, a ponto de lhe confiar seus segredos mais profundos e interagir com ele em determinadas situações do cotidiano. Guardadas as devidas proporções, é como se os surdos depositassem neles uma confiança semelhante à depositada na figura do analista. O intérprete representa uma figura significativa na constituição do sujeito surdo, cuja importância ainda não foi suficientemente abordada.

MÉTODO

Foi feita uma pesquisa qualitativa através de estudo de caso, entrevistas semiestruturadas e observação participante. Esta investigação foi desenvolvida ao longo de seis meses no INES, entidade que é referência nacional na área da surdez.

AMOSTRA

Foram estudados quatro sujeitos com surdez profunda, usuários da Língua Brasileira de Sinais ou bilíngues, sendo dois, filhos de pais surdos e dois filhos de pais ouvintes, cursando o ensino fundamental e médio.

A pesquisa contou, também, com a colaboração de duas mães surdas, duas mães ouvintes, um professor e um intérprete de Libras, totalizando dez participantes.

INSTRUMENTO

Foram elaborados roteiros de entrevista com foco em conquistas e dificuldades, na importância da escola para o desenvolvimento do surdo, nas lutas enfrentadas para conquistar a cidadania, no apoio da família, dos amigos e da escola ao processo de adaptação social e no papel do intérprete de Libras.

PROCEDIMENTO

As entrevistas foram realizadas de forma oral e em língua de sinais com o apoio de um intérprete de Libras, que mediou o contato entre o pesquisador e os participantes surdos. A entrevista foi filmada e gravada com a devida autorização por escrito, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e também com a autorização de uso de imagem e voz, assinada, pelos participantes. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética da Universidade Veiga de Almeida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo focaliza o papel, o lugar e a importância do intérprete e de sua relação com a pessoa surda. Assim, os dados descritos e analisados a seguir irão dialogar com conceitos sobre linguagem e subjetividade.

SABER ESCUTAR E INTERPRETAR É UMA ARTE

O dicionário Aurélio nos ensina que **ouvir** significa perceber, entender (os sons) pelo sentido da audição. Já **escutar** significa tornar-se ou estar atento para ouvir; dar ouvidos a. Ouvir refere-se mais diretamente aos sentidos da audição, ao próprio ouvido, enquanto escutar exprime prestar atenção para ouvir, dar ouvido a algo. E a escuta refere-se ao: "(...) ato de escutar; lugar onde se escuta; pessoa que escuta; pessoa encarregada de escutar as conversas dos outros..." (Novo Aurélio). A escuta implica muito mais do que simplesmente ouvir. A escuta na psicanálise tem uma função essencial, ela precisa orientar-se para a singularidade do sujeito, possibilitando assim, que ele se expresse, fale e abarque seu desejo. Em relação à pessoa com surdez, esta escuta levará obrigatoriamente em consideração outro sentido: o sentido visual.

A 'escuta' é uma ferramenta substancial para a expressão da subjetividade. A psicanálise ressalta a ne-

cessidade de conhecer a singularidade da pessoa por meio de sua fala e de sua palavra. Segundo Pereira (2008), traduzir/interpretar é propiciar a alguém o conhecimento ou o reconhecimento de algo e, portanto, se constitui como uma atividade complexa. Pode ser assim considerado, pois para o tradutor/intérprete de língua de sinais (TILS), o ato interpretativo requer conhecimentos não apenas linguísticos, mas também subjetivos, culturais, sociais e de proficiência tradutória. Theodor (1976) diz que traduzir não significa substituir palavras de uma língua por palavras de outra, mas transferir o sentido de um texto utilizando os meios próprios de outra língua em seu contexto discursivo:

Não se traduz, afinal, de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra; a tradução requer, assim, do tradutor qualificado, um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá aos poucos ampliando e aperfeiçoando de acordo com os interesses do setor a que se destine seu trabalho (CAMPOS, 1986, p. 27-28).

Ainda, segundo Perlin (2006), o tradutor (TILS) é intérprete da língua, cultura, subjetividade e dos movimentos sociais das pessoas surdas. Dessa forma, faz-se necessário investigar como as práticas tradutórias desse profissional acabam por serem mediadas por sua própria subjetividade.

Veras (2002) explica que o prefixo 'inter', na palavra intérprete, significa o que está entre uma língua e outra, pondo essas línguas em relação, criando uma afinidade entre elas. Os gestos do intérprete constroem o sentido do que digo; e ela (a tradução) depende disso que digo para sua construção, assim como dependo de seus gestos para que esta fala sobreviva. Segundo a mesma autora, o intérprete é tradicionalmente aquele que faz uma tradução ao vivo, usando a voz ou o gesto, de corpo presente, representando como no teatro.

A participação do intérprete depende de sua concepção política, de sua interpretação cultural, de sua formação, da forma de desempenhar sua função nos mais diversos ambientes sociais.

O intérprete entrevistado em nossa pesquisa viveu uma história real, ele acompanhou os últimos momentos de um pai surdo no leito de um hospital à beira da morte. Este homem queria se despedir de toda sua família, mas não podia fazer isso sozinho. Foi então que esse profissional entrou em campo para intermediar uma comunicação onde já não havia mais nenhum recurso para expressar o seu último desejo. O homem com surdez foi se despedindo de sua família, focalizando um por um de seus parentes. A última pessoa que ele se despediu foi da esposa, a qual lhe falou: *"eu agradeço a minha esposa por tudo aquilo o que você fez, por tudo que você fez por mim,*

pela excelente esposa. Eu nunca falei pra você o quanto eu te amo, mas eu queria aproveitar essa oportunidade". Por um lado, havia a tristeza da família por perder o pai e, ainda, havia o prazer do pai, por poder contar com um profissional-intérprete de Libras que pudesse usar sua voz para transmitir suas últimas palavras.

A entrevista com o intérprete nos tocou por um sentimento diferente. A entrega da sua voz, dos seus gestos, do seu corpo para construir um elo entre o mundo do som e o mundo do silêncio, ficou estampada em suas palavras, enquanto falava da experiência anteriormente descrita. Tal situação revela um transbordamento afetivo e cultural de "estados psíquicos singulares" que a psicanálise chama de 'transferência':

A gente carrega, na verdade, essas duas culturas, essas duas línguas dentro de nós, e o intérprete ele não é simplesmente um intérprete de palavras soltas, mas também interpreta sentimentos, sentimentos que passam, e nos permeiam [...] Acabou a interpretação [em LIBRAS], eu saí dali e fui para o banheiro e chorei 'baldes', e assim, o choro não era meu, a tristeza não era minha, era tristeza do Outro, era o sentimento do Outro. Durante alguns dias aquilo ainda ficou dentro de mim, até aquilo ser esgotado (JS, Intérprete de Libras, 2012).

A partir deste momento, o tradutor/intérprete JS, pôde perceber o quanto sua função tornara-se significativa. A decisão de se tornar um intérprete tomou um rumo iluminado pela satisfação de ver sua tarefa cumprida mais uma vez: *"Foi daí que eu entendi a importância do meu papel dentro da sociedade enquanto intérprete. Esse sentimento passa por nós e ele precisa ser transmitido. Isso difere o intérprete de qualquer outro material tecnológico"*.

A vivência anterior apresentada pelo intérprete JS – de um afeto que é do outro – é algo da ordem da 'transferência', conceito central para a psicanálise. Freud (1914) destaca o papel do professor para com a criança. A criança ao entrar na escola, transfere para a figura do professor o respeito e a veneração antes dirigidos ao pai, de maneira a tratá-lo como se fosse seu pai. A 'transferência' acontece naturalmente na relação educador-educando, assim como nas outras relações humanas. O professor tem seu sentido esvaziado para receber o sentido que é conveniente para o desejo inconsciente do aluno. Assim, o professor se torna importante para o aluno, já que possui algo que pertence a ele. Desta situação, o professor adquire poder, que tanto pode ser usado para ensinar e preparar o aluno, como para influenciá-lo com o fim de doutriná-lo segundo suas próprias crenças. O professor, como ser humano, também possui seu próprio inconsciente, portanto, também pode transferir significado para o aluno.

Do mesmo modo, o tradutor/intérprete pode ter seu sentido esvaziado e preenchido pelo sentido doado pela pessoa surda, tornando-se assim importante para ela, alguém que porta os seus significados mais profundos. Por outro lado, o intérprete, nessa relação significativa, também pode transferir significado para o surdo com quem estabelece uma troca importante – algo eminentemente humano – e que nos diferencia dos processos tecnológicos como bem apontou nosso intérprete, anteriormente.

(...) É difícil dizer se o que teve mais influência sobre nós e teve importância maior foi nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade dos nossos mestres... para muitos os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores (FREUD, 1914, XVIII: p. 286).

INTÉRPRETE DE LIBRAS: TRADUTOR QUE TRANSITA ENTRE DUAS CULTURAS

O homem é sujeito marcado por suas experiências e interações com o mundo e com outros homens. Os tradutores (TILS) são ouvintes que podem, também, transitar entre as culturas surdas e ouvintes, pois a partir do reconhecimento e entendimento profundo do Outro, ele pode desenvolver sua função com mais competência e segurança. O intérprete de língua de sinais é um profissional que deve ter qualificação específica para atuar como intérprete. Nas palavras do intérprete JS, o compromisso com a interpretação representa um dos grandes desafios deste profissional.

Como intérprete, eu digo o seguinte: que o mais é desafiador, pra nós, intérpretes, é o compromisso com a comunicação – porque o intérprete ele não tem um compromisso simplesmente com a língua, mas com o vocabulário, com as palavras; mas ele também tem o compromisso com o social, ele tem um compromisso individual, tem um compromisso com cada pessoa, com cada surdo, que a gente se dispõe a interpretar. E assim, não é só com a língua de sinais, mas com a cultura, como eu falei antes, a gente é um ser que transita entre uma cultura e outra, entre uma língua e outra (JS, intérprete de Libras, 2012).

Mezan (2002), ao se referir à noção de cultura diz que esta envolve relações sociais, econômicas, políticas e vínculos entre os seres humanos e seus valores ao qual Freud chama de “patrimônio espiritual da humanidade”. Estes encontram sua expressão mais alta nas produções da humanidade. São elas: a música, a pintura, a poesia, a religião, a filosofia. Assim, o que distingue a vida dos animais da dos homens é a presença de duas grandes construções da mente e do trabalho humano: as instituições

sociais e o conteúdo do imaginário, que passam de geração em geração por intermédio da fala, e em algumas sociedades da escrita também. Desta forma, a humanidade e a cultura estão enlaçadas; a primeira significa tanto o conjunto de todos os seres humanos, quanto aquilo que os torna humanos: é o que se tem de universal e, a segunda é a maneira de se atingir essa universalidade.

O tradutor/intérprete de Língua de Sinais é exposto a diferentes tipos de discurso. De certa forma, este é um processo complexo *porque tal profissional precisa dar conta de formular e organizar todas as informações que estão sendo discutidas em tempo hábil*. Além disso, ele precisa compreender os elementos linguísticos e referenciais que auxiliem a pessoa surda na construção de sentido aos objetos expostos, tanto no texto escrito quanto no falado, pois muitas vezes a tradução pode ser interrompida pelo surdo, por falta de conhecimento linguístico.

(...) a expressão da fala deve ser entendida não apenas como a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os outros métodos, como por exemplo, a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa (FREUD, 1974, vol. XIII, p. 211).

O desejo do intérprete de Libras é realizar sua função com perfeição, com fidelidade, mas em diversas ocasiões isso não é possível, especialmente quando não se conseguiu ter acesso antecipado aos conteúdos do que será transmitido. Isso gera certo desconforto, causando em nós uma falta, daí a necessidade de se trabalhar em grupo, de forma harmoniosa, para que essa falta seja discutida e compreendida com o apoio dos demais colegas de profissão. Espera-se, sobretudo, que a pessoa surda não perca as informações e compreenda, de fato, o que está sendo dito. O desejo em Psicanálise não se trata de algo a ser realizado, mas sim de uma falta nunca realizada, o sujeito pode passar uma vida tentando suprir essa falta. Lacan (1979, p. 205) afirma que “o desejo do homem é o desejo do desejo do outro”. E no que se refere a esta busca da perfeição, um desejo que nós buscamos, podemos compreender que:

A ilusão da perfeição consiste na impossibilidade da total tradução uma vez que aceitar a castração e admitir a falta é algo tão difícil ao ser humano. Erros, lapsos, omissões ou acréscimos efetuados por todo tradutor, nesse sentido, embora indesejados, seriam inevitáveis na medida em que a linguagem não existe sem a presença de um sujeito assujeitado ao seu desejo inconsciente, haja vista que as palavras muitas vezes nos desapontam, isto é, não expressam o que queremos; ou, inversamente, expressam demais, mais do que queremos (FROTA, 2000, p. 37-8; GUEDES, 2008, p. 03).

De acordo com a Psicanálise, somos seres de linguagem e, portanto de desejo. Podemos reconhecer o nosso desejo, pelas escolhas que fazemos e também por aquelas que não fazemos. A linguagem é uma alteridade do sujeito. É prévia em cada um de nós, é através dela que o homem se comunica e vai se constituindo em suas interações. Nós já nascemos num campo de linguagem. Segundo Vygotsky (1989), é por meio da linguagem que o sujeito ingressa em uma sociedade, internaliza conhecimento e modos de ação, organiza e estrutura seu pensamento.

Entre dois seres humanos existe sempre a muralha da linguagem. Não há mundo que não participe da linguagem. Os fenômenos simbólicos, como os da linguagem, são fundamentais à vida do espírito e estão relacionados ao inconsciente – a extraordinária revelação de Freud (LONGO, 2006, p. 7).

TENSÕES DA COMUNICAÇÃO DE UM SURDO-INTÉRPRETE

O depoimento de uma jovem de 17 anos, que estuda no INES desde 2010, nos leva a pensar na complexidade do processo linguístico de um surdo que se considera bilíngue, e vivencia a experiência de tradutor/intérprete para a mãe surda, enquanto faz uso da leitura labial com o pai ouvinte, e no olhar da sociedade, parece ouvinte. Antes, ela estudava num colégio de ouvintes perto de casa, mas estava com dificuldades, não estava conseguindo acompanhar as aulas. Ainda não decidiu em qual área quer fazer faculdade, mas ela acha que irá fazer Letras/Libras no INES.

Dialogando com essa jovem, ela nos fala da importância da comunicação em sua vida, como ela se comunica com a família e também como se dirige aos outros ouvintes:

Quando eu vou num supermercado, por exemplo, eu vou comprar junto com minha mãe, as pessoas ficam nos olhando, porque assim, as pessoas às vezes acham que eu sou ouvinte até mesmo pelo fato de eu estar oralizando; mas também quando o surdo vem, eu passo a sinalizar. Então, você é ouvinte ou você é surda? Até perguntam, ‘você não escuta, não?’ Aí eu digo: ‘não’; – ‘Como é que você consegue falar tão bem?’ Não, é que eu uso as duas línguas. As pessoas ficam felizes porque eu uso tanto a língua de sinais quanto o português. Às vezes eu uso também a oralização pra eles entenderem. A minha mãe né, a minha mãe é surda, então a gente se comunica bem em língua de sinais. Meu pai já é ouvinte, aí eu uso a oralização pra me comunicar com ele (SIC).

Diante de sua condição de sujeito bilíngue, ela admite a necessidade de uma oralização mais lenta para

poder compreender a leitura labial, como nos explica: “Olha aqui, se a pessoa falar muito rápido aí eu vou ter dificuldades, aí eu peço pra pessoa falar um pouco mais devagar, para que eu compreenda” (SIC).

O depoimento abaixo é de uma pessoa surda, mestre em educação pela Universidade Estadual de Campinas. Ela fala em seu trabalho de dissertação da angústia que sente quando está em contato com pessoas ouvintes que não conhecem a sua língua. Ela reage desta forma:

Sempre tive vontade de fazer o que eu queria, mas meus pais me protegiam muito e não me deixavam à vontade. Eu já sabia o que eu queria, sair com meus amigos e não ficar indo mais à casa da minha tia Maria Rosa, irmã do meu pai. Certo dia, falei para meu pai que eu não queria mais visitar minha tia, que não adiantava nada para mim ir lá, eu ficava lá sentada, olhando a conversa de todos.

Normalmente esse fato – o isolamento no espaço social em que as demais pessoas se comunicam umas com as outras – ocorre com as pessoas surdas, quando estão reunidas em família. As conversas entre as pessoas ouvintes, os sorrisos que expressam, os comentários que fazem quando estão assistindo algum filme na televisão, dentre outras atitudes. Tudo isso gera frustração, angústia, na pessoa surda, porque as pessoas ouvintes que estão próximas não se preocupam em traduzir tudo que se passa entre eles, ou esquecem, ou ignoram, ou agem como se tudo aquilo fosse normal, ou às vezes passam alguma informação de forma fragmentada. Assim, continua nossa colega, mestre em educação:

Meu pai insistia e íamos lá. Um dia, em uma dessas vezes, fiquei sentada horas e meu pai percebeu que eu ficava sozinha, não tinha ninguém para conversar. Se eu quisesse, tinha que fazer leitura labial, precisava me esforçar muito para prestar atenção nas bocas e, mesmo com todo o esforço, não conseguia acompanhar a conversa de todos ao mesmo tempo. Tem pessoas que não entendem o quanto é difícil para um surdo ficar olhando as pessoas conversarem e não poder participar. É complicado, eu ali no meio de muitas pessoas, como se fosse invisível.

As pessoas surdas são esquecidas, parece mesmo que estão *invisíveis* no meio de tanta gente. Então isso gera um conflito, ficam nervosas, saem dali ou procuram outros grupos onde possam conversar livremente em sua língua.

Contrastar a experiência de um surdo bilíngue ou de um surdo que se comunica apenas pela língua de sinais dá uma dimensão da vivência de transitar entre mundos ou de sentir-se isolado e invisível. Os expectadores externos ficam perplexos diante de um surdo oralizado

e que se comunica por meio de Libras, tendo manejos sociais diferenciados. De outro lado, a comunicação apenas por Libras deixa uma avidez pela comunicação junto à comunidade surda. Há nesses dois casos uma inquietação e uma busca, *um olhar além do silêncio*, na falta e no vazio, uma comunicação sempre em processo de ampliação, seja bilíngue ou em Libras. Em qualquer dos casos, a comunicação é central ao desenvolvimento das pessoas surdas e, o tradutor/intérprete tem sua contribuição a dar – enriquecendo ou tornando possível a fala que inclui o sujeito do discurso na trama afetiva e social em que esse sujeito consegue se reconhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tradutor intérprete de língua de sinais (TILS) é um construtor de alicerces em constante labuta; é um ser incansável que transita por dois universos culturais e linguísticos complexos. É como um instrumento que transforma a vida daqueles que não conseguem ouvir as vozes que ecoam ao seu redor. É um facilitador da compreensão dos mundos envolvidos neste processo de acessibilidade ao conhecimento, promovendo a autonomia da pessoa surda.

O tradutor (TILS) vivencia algumas dificuldades, como por exemplo: muitas vezes não tem acesso antecipado ao que será transmitido num determinado evento; isso gera certo desconforto em relação aos referenciais que farão sentido na emissão da mensagem. Diante deste pressuposto, é possível realizar uma reflexão: torna-se necessária uma conscientização de ação mútua por parte de todos os sujeitos envolvidos neste processo, pois a responsabilidade não pertence somente a um indivíduo, o intérprete. Reafirmamos que o sucesso ou não no processo de interação pertence a todos os interlocutores envolvidos: surdos, tradutores/intérpretes (TILS) e ouvintes. O tradutor (TILS) desempenha o papel de assegurar o conhecimento transmitido em determinada situação, a partir da comunicação de duas línguas envolvidas, Português (língua fonte) para a Libras (língua alvo).

Segundo Cavalcante (2003), superar é buscar algo com tanta determinação que os obstáculos se transformam em alavancas para o crescimento. Cada obstáculo vencido revela a força, amplia a visão de nossa vitalidade e traz o poder de transformação.

Um dos resultados que mais chamou a atenção é o fato de que – o que se torna atrativo para os sujeitos surdos integrar-se em uma comunidade qualquer, e especialmente à comunidade surda são as possibilidades de comunicação e a identificação de si – propiciando-lhes o conforto de participar, de conviver com os seus pares, pois através dessas relações sociais, eles têm possibi-

lidade de aceitação e representação de si próprio e do mundo, conseguindo definir suas características e seu comportamento diante dessas vivências sociais. A língua de sinais representa fator imprescindível para todas as possibilidades de acesso a tais vivências e o tradutor/intérprete cresce em importância nesse contexto.

As pessoas surdas desejam ser vistas como pessoas capazes, que utilizam uma forma linguística diferente para se comunicar, que possuem suas particularidades, o que não as impede de crescer e se desenvolver da mesma forma que os ouvintes. Lamentavelmente, na maioria das vezes, o surdo só é visto pela sua incapacidade, sendo desprezada a sua diversidade cultural e linguística.

Sociedade é uma palavra que vem do latim: *societas*, que significa “associação amistosa com outros”. É um conjunto de pessoas, que compartilham propósitos, gostos, preocupações e costumes, e que interagem entre si constituindo uma comunidade, unidas por tradições, crenças ou valores políticos e culturais comuns. Ficou explícito e bem destacado nessa pesquisa, que a sociedade ainda está muito distante da pessoa surda. A sociedade cria situações de exclusão deixando os surdos à margem das questões sociais, políticas, culturais e educacionais. Ainda não há uma preocupação por parte dela, sociedade, e não há um entendimento em relação à surdez. A sociedade ainda não está preparada para acolher a pessoa surda. Durante as entrevistas, o que mais se destacou foi a expressão *preconceito em relação à sociedade* (de surdos), a não aceitação das pessoas surdas como seres capazes de interagir e de relacionar-se em qualquer ambiente. A maioria ainda vê a pessoa surda como deficiente e limitado.

Por todas as razões destacadas acima, o tradutor/intérprete é um profissional que adquire importância a cada dia e sua inserção profissional contribui para ampliar a acessibilidade da pessoa surda. Sua relevância tenderá a crescer, na mesma medida em que a sociedade tome consciência de seu papel como agente formador de todos os cidadãos. Portanto, há de se valorizar e de se investir mais seriamente na formação dessa categoria profissional que reduz o isolamento e favorece a inclusão da pessoa surda em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CAVALCANTE, Fátima G. *Pessoas muito especiais: a construção social do portador de deficiência e a reinvenção da família*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- feneis.com.br/dia do surdo/index.shtml.
- FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. 1914. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos de tradução, linguística e psicanálise*. Campinas e São Paulo: Pontes/FAPESP, 2000.
- GUEDES, Mayra Barbosa. A subjetividade do tradutor à luz da análise do discurso francesa e da psicanálise. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008, USP – São Paulo, Brasil.
- LACAN, J. *Seminário, livro 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- LABOURIT, E. *O voo da gaivota*. São Paulo: Best Seller, 1994.
- LONGO, Leila. *Linguagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 (Passo-a-passo).
- MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MOURA, Izaulita César. *A constituição da subjetividade do sujeito surdo à luz da psicanálise: um olhar além do silêncio*. [Dissertação] Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Rio de Janeiro: UVA, 2012.
- PEREIRA, Maria Cristina Pires. O intérprete de Língua de Sinais como sujeito no ato de linguagem. Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso (2008 abr. 01- 04: Belo Horizonte, MG). Belo Horizonte: UFMG, 2008b. CD-ROM: color; 4 ½ pol.
- PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais, *ETD Educação temática digital*, Campinas, v.7, n.2, jun/p. 135-146, 2006.
- QUADROS, R. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos* / Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnop. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RUSSO, Angela. Intérprete de Língua de Sinais: uma posição discursiva em construção. Dissertação de mestrado apresentada no programa de pós-graduação da UFRGS. Porto Alegre, 2009.
- SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos Surdos*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos; tradução Laura Teixeira Motta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- THEODOR, E. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo: 3ª ed. Cultrix.
- VERAS, V. *Acolhendo gestos*. I Seminário de Intérprete de língua de sinais: o intérprete na sala de aula a prática da diferença. Campinas: Salão Vermelho da Prefeitura Municipal de Campinas, 2002 (palestra).
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168p. (Coleção Psicologia e Pedagogia). Nova Série.